

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Maria Luciete Simões Quaresma**

registada em 2009-02-03  
por

Jenny Campos e Susana Pires



## **Maria Luciete Simões Quaresma**

Maria Luciete Simões Quaresma nasceu no dia de 10 de Julho de 1948, na Benfeita. Filha de Albino Quaresma, das Luadas, e Emília do Rosário Simões, natural da Benfeita. A mãe trabalhava na agricultura e o pai foi para Lisboa. Da sua infância recorda o jogo da macaca, da cantarinha e as bonecas de farrapos. Andou na escola até à terceira classe. Quando saía da escola ia “deitar os animais para a rua para eles pastarem.” Casou com 20 anos, depois de um namoro de “dois anos mais ou menos, ou nem isso se calhar. O casamento foi aqui em Benfeita e houve festa.” Tem três filhos. “O meu primeiro trabalho foi buscar dois molhos de cavacas para representar um molho da minha mãe... duas cestas de esterco para representar uma dela.” Depois de casar também andou ao dia fora a ganhar “7 ou 7 e 500 conforme calhava. Sempre no campo.”

# Índice

Identificação "Maria Luciete Simões Quaresma".....	4
Ascendência Albino Quaresma e Rosário Simões.....	4
Infância "Uma boneca de farrapo".....	4
Educação A vida no tempo da escola.....	4
Religião A doutrina.....	5
Namoro "Teve que aceitar".....	6
Casamento O retrato do casamento.....	6
Descendência Três filhos e dois netos.....	8
Ofício "A gente naquele tempo não tínhamos profissão nenhuma".....	9
Costumes Os alimentos e as suas tradições.....	9
Lugar A Benfeita.....	10
Quotidiano Viver sem grandes esforços.....	14
Avaliação "É importante".....	15

## **Identificação "*Maria Luciete Simões Quaresma*"**

O meu nome completo é Maria Luciete Simões Quaresma. Nasci o dia de 10 de Julho de 1948, na Benfeita.

## **Ascendência *Albino Quaresma e Rosário Simões***

O meu pai era Albino Quaresma e a minha mãe era Emília do Rosário Simões. A minha mãe era da Benfeita e o meu pai era das Luadas.

A minha mãe andava na agricultura e o meu pai, dizem que foi para Lisboa. Mas depois houve qualquer desavença e o meu pai arranjou uma mulher em Lisboa, eu ainda era pequenita. Depois deixou a minha mãe. Lembro-me que a minha mãe plantava batatas, feijões, milho, muita couve para os porcos. Era só para a gente, para comer em casa.

Eu não tive irmãos. Agora tenho um porque foi do lado de uma madraستا.

## **Infância "*Uma boneca de farrapo*"**

Brincávamos à macaca, ao jogo da cantarinha, a muita coisa. O jogo da cantarinha era um jogo, que a gente atirava a cantarinha umas para as outras e depois se ela caísse para o chão a gente ganhava. Não ganhávamos nada mas pronto. Era um divertimento ao domingo e aos dias santos e assim.

Não havia brinquedos, só as bonecas de farrapos e outras coisas. Às vezes fazia-as para uma filha que tenho, que agora está casada. Púnhamos assim num pano, farrapos lá para dentro e depois enleávamos com umas linhas e pronto, era uma boneca. Uma boneca de farrapo.

## **Educação *A vida no tempo da escola***

Andei na escola onde é agora a Junta. Andei até à terceira mas depois saí. A gente tinha que trabalhar porque fiquei sem pai, aliás foi para outra mulher!

Lembro-me da professora, era a dona Edite. Até morou na Benfeita em casa de uma senhora que já morreu. Às vezes castigavam as pessoas, a mim nunca me puseram mas, havia muitos que punham, à janela, com grãos de milho e tinham que estar ali ajoelhados. E outras coisas, ainda me lembro. E era todo o dia na

escola. Eu não saía da escola e ia brincar, tinha que ir para os animais. Deitar os animais para a rua para eles pastarem. Tínhamos ovelhas e cabras. A gente tirava-as do curral, chamávamos e elas iam atrás da gente para os montes.

## **Religião *A doutrina***

Andei pouco tempo na doutrina. A doutrina era no centro de dia que agora fizeram. Aí é que era a doutrina, era aquilo mais velho, agora está tudo mais novo.



### **Luciete no dia da 1ª comunhão (com 15 anos)**

Eram várias pessoas que nos ensinavam. Fiz só a Primeira Comunhão. Lembro-me desse dia. Fui com um vestido branco emprestado. Ia-se à missa, o padre dava-nos a comunhão e no fim da missa vínhamos para casa. Nesse dia não havia comida especial. Era tudo igual aos outros domingos.

## **Namoro "*Teve que aceitar*"**

Os namoros antigamente não eram como agora. Tínhamos que namorar à beira dos pais. Eu não sei quanto tempo namorei. Às vezes namorávamos com uns e depois deixávamos, depois namorávamos com outros... era assim!

Com o meu marido namorei talvez dois anos mais ou menos, ou nem isso se calhar. Foi a mim que me pediu em casamento mas depois teve de ir pedir à minha mãe. Então, ela teve de aceitar.



**Luciete no dia do casamento**

## **Casamento *O retrato do casamento***

Sou casada. Tinha quase 20 anos quando me casei. Íamos de vestido branco, outras de creme, era conforme. Era assim, ainda tenho o retrato. O casamento foi aqui em Benfeita e houve festa. Era aqui a vizinhança que se ajudava uns aos outros, não íamos para restaurantes como agora vão.



### **Casamento de Luciete e João Morais dos Santos (Benfeita)**

Como tínhamos o rebanho das ovelhas, matávamos as ovelhas, assávamos a carne e fazíamos comer. E doces também fizemos: tigeladas, pudins, bolos, rodilhas e assim essas coisas.





**Casamento de Luciete e João Morais dos Santos (Benfeita)**

### ***Descendência Três filhos e dois netos***

Daí a dois anos tive um filho, que agora até está no estrangeiro, na Suíça. E depois tive o segundo com diferença de um ano. Depois tive uma filha dali a cinco anos mais ou menos. A minha filha nasceu em Coimbra, o primeiro nasceu em Arganil e o outro nasceu aqui na Benfeita, em casa. Os meus filhos uns são mais parecidos com o pai, outros com a mãe.

Também tenho dois netos na Suíça.



**Casamento de Mário, filho de Luciete, (da esq. p/ a dta.: António, Luciete, Mário, Lúcia, João e Luísa)**

### ***Ofício "A gente naquele tempo não tínhamos profissão nenhuma"***

O meu primeiro trabalho foi buscar dois molhos de cavacas para representar um molho da minha mãe, porque ela não podia fazer tudo sozinha. Duas cestas de esterco para representar uma dela, era tudo assim. E ela tinha que ir pedir à professora. Nós dávamo-nos bem porque éramos vizinhos e ela consentia.

Depois de casar comecei a trabalhar para mim. Nessa altura, também andava ao dia fora, a ganhar 7 ou 7 e 500 conforme calhava. Sempre no campo. A gente naquele tempo não tinha profissão nenhuma.

### ***Costumes Os alimentos e as suas tradições***

O milho servia para as galinhas, para moer, para fazer farinha. Íamos ao moleiro com o milho. O moleiro moía, depois fazia farinha. Depois fazíamos carolos. O milho era para muita coisa. O moleiro era um senhor que se chamava senhor Armando. Ainda é vivo e ainda mói mas agora já mói pouco porque está tudo abandonado às silvas. Em minha casa fazíamos pouco pão. Era mais broa de milho. Fiz muita.

A gente peneirava a farinha para uma gamela e depois amassávamos com água morna. E tínhamos que fazer um crescente de um dia para o outro. Amassava-se e depois estava até levedar. Depois íamos pôr o lume ao forno e depois púnhamos a broa para dentro do forno.

Nem toda a gente tinha forno. A gente ia aos fornos das outras pessoas. Pedíamos e íamos lá cozer. Às vezes juntávamo-nos mais que uma a cozer. Conforme a quantidade. Para distinguir umas punham umas carumas, outras punham uns beliscos quando estavam a pôr para o forno. Punham conforme queriam. Faziam uns sinais.

Com o leite das ovelhas fazia o queijo. Eu ainda fiz alguns. A gente amornava um bocado o leite, depois punha-lhe, dizia que era o cardo, que a gente fazia num pano. E ia aquele molho do cardo, e depois púnhamos umas tantas horas até que ele coalhasse. Depois tínhamos umas enchedeiras e a gente ia pondo para lá, ia calcando, e era assim a vida. No fim ainda fazíamos com aquele, chamavam o leite de soro, requeijões.

Agora já não me recorda bem mas acho que tínhamos às vezes cinco, seis e sete ovelhas era conforme. A gente vendia a lã a um senhor que também já morreu e às vezes trazíamos no valor da lã uma manta ou assim. Era vendida ao peso. E depois se dava para trazermos uma manta trazíamos, se não desse trazíamos o dinheiro.

Tigelada é um doce que fazem com os ovos. A gente bate os ovos, o açúcar, depois leva leite. Depois pomos nuns tachos de barro e vai ao forno ou onde a gente quiser pôr. O arroz-doce é arroz, põe-se a cozer e daí a um bocado põe-se o leite e o açúcar. Deixa-se apurar e depois põe-se em travessas ou pratos. Polvilham com canela e é assim.

## **Lugar A Benfeita**

Não sei porque a Benfeita se chama Benfeita, acho que foi porque fizeram aí uma obra e depois disseram que ela estava bem feita e depois ficou o nome de Benfeita. Que já não é do meu tempo, é dessa gente que tem mais 80 e tal anos, essas é que sabem melhor do que eu.

### **As festas**

O santo padroeiro da Benfeita é Santa Cecília. E temos também a Nossa Senhora da Assunção. É o dia 15 de Agosto é que é a festa da Senhora da Assunção. A Santa Cecília não sei bem quando é.

---

As festas antes eram mais divertidas que agora. Havia missa, depois havia procissão, havia fogaças, depois iam para o Areal vender as fogaças. Havia a música a tocar, não havia conjuntos como agora. E era assim.

As fogaças são aquelas coisas que querem oferecer, para depois leiloarem. Leiloava-se o que as pessoas queriam pôr. Ainda me lembro uma vez, fizemos uma festa e dei uma cria de um borrego. Não sei quanto valia, já não me lembro agora. Mas ainda rendeu dinheiro. Depois o dinheiro ia para a igreja. E agora deve ser a mesma coisa.

Às vezes, para a procissão põe-se uma verdurazita nas ruas. Agora também ainda põem uma hera no chão. Naquela altura a gente é que fazia mas, agora já compram tudo feito. Enfeitávamos as ruas com uns papéis. Cortávamos e fazia uns lacitos e umas coisas. Em Junho há uma procissão, que chamam a festa do Santíssimo, aí não vão andores nenhuns só o padre é que leva o Santíssimo, mas há procissão. No dia 15 de Agosto é que já vão muitas imagens: Nossa Senhora de Fátima, vai o Coração de Jesus, vai o Mártir Sebastião, e vai São José, Santa Rita...

Depois há outra festa, em Setembro, quando é a Senhora das Necessidades. Na véspera vai uma procissão, leva a imagem de Nossa Senhora de Fátima, do Mártir Sebastião e vão em procissão. É mais ou menos igual.

### **Criar e depois matar os porcos**

Criávamos um porco e quando não eram dois. No dia da matança a gente tinha de chamar gente para o segurarem e outros para o matarem. E depois era com carquejas. O pêlo era tudo queimado com carquejas. E depois ardia. Tiravam-lhe as tripas. Penduravam de um dia para o outro para o sangue ir embora e ao outro dia desmanchavam cada coisa para seu lado e depois fazíamos chouriças. Umas de uma coisa, outras de outra. Há chouriças de muita qualidade, umas de sangue, outras de arroz, de bucho, as farinheiras, e as de carne.

Naquela altura não havia arcas, a gente tinha de pôr em azeite as chouriças ao fim de estarem secas. Punha-se em azeite ou óleo. E não se estragavam. A carne a gente punha numas talhas e depois tínhamos de cobrir tudo com sal. Era como se fosse um frigorífico.



**Aida, tia de Luciete, a lavar as tripas do porco para as chouriças**

## **O Natal e a Páscoa**

No dia de Natal, em frente à capela, todos os anos fazem uma fogueira, põem lá cepos de pinheiros e ardem ali até ao dia de Reis. Mas este ano até foi mais prolongado e as pessoas estão-se ali a aquecer durante a noite. E vão tocando o sino e assim. As pessoas reúnem-se. Às vezes, assam chouriças, este ano até sopa da pedra lá fizeram, ouvi dizer.

No Natal come-se bacalhau com batatas e couves e depois fazem filhós também.

O dia da Páscoa já é mais festejado agora. Pode-se fazer cozido, pode-se assar um cabrito e é assim. E doces.

Ao fim da missa vem o senhor padre e anda o compasso pelas ruas. Ou ele ou alguém que mande, vem com a cruz e a gente, temos cá os nossos familiares e beijamos a cruz.

## **Sem luz nem água**

Quando nasci não havia luz, era com velas, com candeias, com candeeiros de petróleo e mais tarde é que veio a luz. Levávamos uma vela, uma gambiarra e era assim. Uma gambiarra é com pilhas.

A água tínhamos de a ir buscar onde a houvesse, em cântaros e regadores, conforme calhava. Aqui e além havia fontes. Para regar os campos a água vinha das ribeiras, porque nas ribeiras já havia muita água. Vinha em levadas, vinha. Tínhamos que combinar quando cada um regava.

- Agora vou eu, daqui a um bocado vais tu, às tantas horas...

Às vezes até de noite tínhamos que regar. Quantas vezes fui regar de noite! De Inverno não é preciso regar porque está a chover.

## **Não havia médico nem correio**

Antigamente quando alguém ficava doente também íamos ao médico mas era mais com coisas caseiras. Chás caseiros, ervas. Ainda me lembro de alguns chás. Ainda hoje em dia vou buscar cidreira, laranjeira e outras coisas. A cidreira faz bem ao estômago. A laranjeira é para outras coisas. E há a flor da carqueja e a tília, há muitos chás.

Também havia um barbeiro, o senhor José Augusto. Era como se fosse um médico, a mim ainda me tratou muita vez, de certas doenças como a bronquite, ainda hoje tenho. E outras coisas, dava medicamentos tal e qual como os médicos.

Aqui na Benfeita também havia aí uma mulher que era parteira, e com a ajuda do senhor José Augusto também ajudava nos partos. Um dos meus filhos nasceu antes do tempo, ele veio cá e depois veio aí mais uma mulher que também sabia, é que ajudou a lavar e assim.

Correios, noutros tempos não havia. Mais tarde é que houve. Antes andavam aí umas mulheres, ganhavam um "x" e iam leva-lo a Côja e de Côja vinham trazê-lo aqui e andavam nisso.

## **Curiosidades sobre a Benfeita**

A Benfeita já teve muitos ranchos, mas eu nunca andei em nenhum. Teve o Rancho do Manjerico, que é dessa gente mais antiga de 80 anos. E depois houve

aí um rancho de gente nova. Iam dançar para muito lado. Para onde as pessoas convidavam.

As badaladas da Torre da Paz isso é o dia 7 de Maio. Foi quando acabou a guerra mundial, ainda era rapariga nova mas, todos os anos o sino toca no dia 7 de Maio. Agora já não dá tudo porque o sino está já muito antigo mas, ainda toca muito.

O Simões Dias era poeta, há uma casa que era de uma tia minha e foi onde ele nasceu. E ela morreu e a gente, os herdeiros, vendêramos a casa, que é um museu. Ainda lá não vi nada.

Tínhamos cá uma modista. Foi ela que fez o meu vestido de casamento. Era a dona Zulmira e está a viver com a filha por motivo de doença. Ainda fez o segundo fato do casamento, um vestido e às vezes fazia-me outras coisas conforme a gente podia. E havia por aí mais mulheres que também costumavam.

### **"A Benfeita... é bonita porque foi onde eu nasci"**

Agora a Benfeita mudou. Mudou porque há pouca gente. Tem morrido muita gente e a pouca gente de cá agora tem pouca saúde e está tudo abandonado quase. Antes a Benfeita eram casas velhas. Havia muita gente, agora está tudo fechado. As pessoas que havia umas estão no cemitério e outras andam por Lisboa, pelo Porto, por Coimbra, por muito lado.

A Liga de Melhoramentos da Benfeita agora nem têm lá feito nada. Mas antigamente faziam lá muita coisa. E hoje em dia ainda lá fazem, às vezes, vai a música, pela festa de Agosto, pelo Santíssimo, não tem outros lados onde comam. Faziam programas, palhaçadas, coisas. Para estarem todos juntos.

Para uns a Benfeita é bonita, para outros é feia, é conforme. Para mim é bonita porque foi onde nasci. De Verão vem aí muita gente. Desde que fizeram a piscina vem aí muita gente. As pessoas da Benfeita até são bem dispostas. No Verão ainda tivemos um quiosque, também estive aí de Junho até não sei quantos de Setembro. Também deu ali muita animação. Todos os dias havia ali festa.

### **Quotidiano *Viver sem grandes esforços***

Eu agora já não faço quase nada. Tenho umas hérnias discais na minha coluna e agora já não posso trabalhar como trabalhava. Já nem vou para a fazenda nem nada. Vou à missa quando há e é assim.

## **Avaliação "*É importante*"**

É importante que saibam como era a vida antigamente. Era uma vida muito difícil, muito trabalho, muita cansaça, agora já não, já é melhor. Ainda bem que mudou para melhor. Tanto para os meus filhos como para as outras pessoas.